

# Considerações sobre o status das palato- alveolares em português

JOÃO LUCAS LEITE — UFES

**ABSTRACT:** Traditionally, the palato-alveolar consonants most widely treated in analyses of the phonology of Brazilian Portuguese are the affricates, regarded as allophones of the apical stop phonemes when followed by /i/. In this paper, we will take into account also the nasal and lateral palato-alveolars and will raise some questions regarding the status of the palato-alveolars in sociolects of the illiterate.

## 1. Introdução

Embora formem um sistema fechado, os fonemas de uma língua realizam-se por meio de um número às vezes considerável de alofones, conforme o estilo, a velocidade de fala e o ambiente onde ocorrem. Os alofones são um atestado sincrônico da mutabilidade lingüística, já que, devido a fatores tais como alterações no ambiente condicionador em determinados dialetos ou socioletos, um alofone pode passar a contrastar com o fonema do qual era antes uma simples realização, enquanto em outros dialetos a situação permanece inalterada. Quando tal fenômeno ocorre, diz-se que o alofone foi fonologizado, e que o elenco de fonemas e as possibilidades opostas alterados. Não se deve confundir fonologização com mudança fônica, em que apenas o caráter fônico do fonema se modifica deixando inalterados o elenco de fonemas e as possibilidades de oposição. É este o caso da vibrante apical, substituída sistematicamente por uma fricativa uvular e uma fricativa (glide) glotal, entre outras possibilidades, em diferentes dialetos.

Neste artigo, consideraremos a possibilidade de que as palato-alveolares - as africadas, a nasal e a lateral - estejam passando pelo processo de fonologização, ou que já se tenham mesmo fonologizado em socioletos de comunidades ágrafas.

## 2. O ambiente palatizador das apicais revisitado

É fato amplamente registrado em estudos fonológicos que as oclusivas apicais tornam-se africadas palato-alveolares quando seguidas de /i/, na maioria dos dialetos do português brasileiro :

/divi'dir->[ʎivi'jɨh], /ati'tudi/-> [aʎi'tuʎi]

As apicais ocorrem nos demais ambientes, a saber, quando seguidas das demais consoantes, do flape /r/ e da lateral /l/. Esta última, de distribuição defectiva, só ocorre precedida de /t/ no interior do vocábulo e não ocorre precedida de /d/.

Consideremos agora os seguintes dados :

[ 'pač̣u]	"páteo"	[ 'patu]	"pato"
[ 'ḥeṣ̌ča]	"réstia"	[ 'ḥesta]	"resta"
[ 'ḥaʃ̣u]	"rádio"	[ 'ḥatu]	"rato"
[ 'ʃ̣aryu]	"diário"	[ 'daryu]	"Dário"
[ 'č̣oka]	"tioca"	[ 'toka]	"toca"
[ 'ʃ̣ašu]	"diacho"	[ 'tašu]	"tacho"
[ 'ṣõña]	"Sônia"	[ 'ṣõña]	"sonha"
[ 'ṿěña]	"Vênia"	[ 'ṿěña]	"venha"
[ 'ṣěla]	"Célia"	[ 'ṣěla]	"sela"
[ 'siḷu]	"cílio"	[ 'siḷu]	"silo"
[ 'syẹ̌sya]	"ciência"	[ ãni' ḷĩna]	"anilina"

Do ponto de vista gerativo e com base no socioleto dos escolarizados, estes são pares mínimos apenas no nível da realização fonética, uma vez que as palato-alveolares são resultado da aplicação de regras fonológicas às representações subjacentes em que os fonemas apicais em questão compartilham o ambiente

/ — i v

|

[-AC]

Enquanto as oclusivas se palatalizam condicionadas pelo que se lhes segue, a nasal e a lateral irão se palatalizar por força do glide [y] resultante da ditongação. Lass (1985) chama esse tipo de palatalização assimilação bi-direcional ou fusional, em que um segmento substitui dois segmentos com traços de ambos, e cita o exemplo inglês /hit yu/ — [hič̣u].

Seria temerário falar-se de fonologização das palato-alveolares em socioletos escolarizados uma vez que a vogal /i/ é facilmente recuperada, ainda que por forte influência da ortografia. A recuperação do /i/ é testada com o uso da "língua do 'p'", que consiste na inserção, após cada pico silábico, de uma sílaba que tem /p/ como 'onset' e como pico silábico a vogal da sílaba precedente:

[ 'ʃ̣aṣu]—[ʃ̣ipia'paṣ̌upu]	[ 'ḥaʃ̣u]—[ḥapaʃ̣ipiu'pu]
[ 'ṣõña]—[ṣopõnipia'pa]	[ 'siḷu]—[sipilipiu'pu]

No caso da lateral, a não recuperação do /i/ em “milho” [’milu] — [mipilu’pu] é claramente devida à interiorização do “lh” ortográfico. Com base em alternâncias do tipo “folha”, “folicula”, “filho”, “filial”, a análise gerativa abandona o fonema /l/ em favor da seqüência /li/, deixando a palatização por conta das regras R3 e R4 abaixo. Medida idêntica não pode ser adotada em relação à nasal porque palavras como “Sônia” e “sonha” teriam representações subjacentes idênticas e, sujeitas à aplicação das mesmas regras, teriam como ‘output’ fonético [’sõna], bem distanciado de [’sõŋa], realizado com uma verdadeira palatal, ou médio-palatal.

Temos, então, as seguintes derivações e regras fonológicas para a norma culta:

	/’patiu/	/’sonia/	/’sɛlia/	/’filiu/
R1	—	õ	—	—
R2	c	—	—	—
R3	y	y	y	y
R4	—	n	l	l
R5	∅	∅	∅	∅
	[’pa <u>č</u> u]	[’sõ <u>ŋ</u> a]	[’sɛ <u>ļ</u> a]	[’fi <u>ļ</u> u]

$$R1 \quad V \rightarrow [+NAS] / [+AC] \ \$ \begin{bmatrix} C \\ +NAS \end{bmatrix}$$

$$R2 \quad \begin{bmatrix} -SOA \\ -CNT \\ +COR \end{bmatrix} \rightarrow [+ALT] / \text{---} \begin{bmatrix} v \\ +ALT \\ -POS \end{bmatrix}$$

$$R3 \quad \begin{bmatrix} -CNS \\ +ALT \\ +CNS \end{bmatrix} \rightarrow [-VOC] / \begin{bmatrix} \text{---} \\ -AC \end{bmatrix} v$$

$$R4 \quad \begin{bmatrix} +SOA \\ +CON \end{bmatrix} \rightarrow [+ALT] / \text{---} \begin{bmatrix} -CNS \\ -VOC \\ -POS \\ +ALT \end{bmatrix}$$

$$R5 \quad \begin{bmatrix} -CNS \\ +ALT \\ -POS \\ -VOC \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} C \\ +ALT \\ +COR \end{bmatrix} \text{---}$$

Não se palatalizam as fricativas /s z/ e o flape /r/, o que é refletido pelas regras R2 e R4 como segue: As fricativas estão excluídas da R2 e R4 pelos traços [SOANTE] e [CONTÍNUO], respectivamente. A exclusão do flape da R4 pôde ser feita de um modo elegante com a adoção, para o flap, dos traços [-CNS, -VOC, +ANT, +COR] propostos por Spencer (1984), dentre outros argumentos, devido à resistência deste segmento à palatização. Isto explica o uso do traço [+ALT] na R3 e de [+CNS] na R4, que na atual análise deixam de ser redundantes.

### 3. Fonologização das palato-alveolares [č ʃ ň ʎ]

Os dados analisados acima, colhidos da fala espontânea de indivíduos escolarizados, indicam claramente uma forte tendência à fonologização das palato-alveolares consideradas. Embora alguns informantes insistam que realizaram palato-alveolares seguidas do glide [y], por outro lado, não demonstraram serem capazes de distinguir em ditados fonéticos as realizações sem o glide, de realizações com o glide, se é que estas últimas são possíveis de se pronunciarem. Mesmo os pares mínimos ortográficos do tipo “óleos”: “olhos” e “fále-a” : “falha” não contribuíram para a discriminação entre os segmentos.

Diante destes fatos, não deixa de ser plausível supor-se que em sociedades ágrafas com pouca interação com indivíduos escolarizados, a fonologização das palato-alveolares já se tenha concretizado, e que não mais haja a possibilidade da recuperação da vogal /i/ causadora do processo. Pode-se antecipar que os usuários dos socioletos reestruturados fonologicamente apresentem as seguintes realizações na “língua do 'p'”:

[ 'ʎašu ] → [ ʎapašu'pu ]    [ 'sõña ] → [ sopõña'pa ]

Uma vez confirmada a hipótese da fonologização, as regras fonológicas acima, válidas para os socioletos dos escolarizados, teriam que ser consideradas regras diacrônicas para os socioletos de comunidades ágrafas. Considerá-las sincrônicas para estes socioletos seria praticar a neutralização absoluta, condenada por vertentes da fonologia gerativa padrão (Chomsky & Halle 1968), uma vez que não haveria ocorrências de realizações com a seqüência [CiV], mesmo em pronúncias cuidadosas ou silabadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arlotto, A. (1972) *Introduction to historical linguistics*.  
Boston: Houghton Mifflin.
- Chomsky, N. & M. Halle (1968) *The sound pattern of English*.  
Nova Iorque: Harper & Row
- Ladefoged, P. (1982) *A Course in phonetics*. Nova Iorque:  
Harcourt Brace Jovanovich.
- Lass, R. (1985) *Phonology: an introduction to basic  
concepts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Selkirk, E. (1982) The syllable. In van der Hult & Smith  
(1982) *The Structure of phonological representations*.  
Dordrecht: Forris Publications.
- Spencer, A. (1984) Eliminating the feature |lateral|. *J.  
Linguistics* 20.